Escolher o sentido: o caso Ana

Maria Helena Martinho

Esse texto se propõe a apresentar fragmentos do caso de uma jovem histérica que buscou análise em decorrência do sofrimento causado por sua divisão. Ana sofre da sua própria falta, tem um sentimento de vazio. Ela quer ser: ser amada, ser desejada. Quer que exista alguém que não possa viver sem ela.

A busca de ser é o que caracteriza o drama histérico e, ao mesmo tempo, o drama de todo aquele que se aliena ao Outro, uma vez que o significante que vem do Outro ao qual ele se aliena não diz nada, aponta para o não-senso. O desespero desse sujeito por sua falta de ser me levou a pensar na articulação feita por Lacan entre a estrutura lógica do processo e do fim da análise, e a estrutura lógica das duas operações de constituição do sujeito, a alienação e a separação. Lacan "definiu o processo analítico em termos de alienação e separação, e a fase final da análise, o final da experiência, em termos de separação"[1].

No *Seminário 11*: *os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan indica que a alienação, primeira operação lógica da constituição do sujeito, é uma "escolha forçada", pois nenhum sujeito falante pode evitar sua alienação ao Outro. Sendo assim, o destino do sujeito do significante é vacilar entre ficar petrificado por um significante-mestre (S_1) ou deslizar no sentido. A separação, segunda operação lógica da constituição do sujeito, pode ou não estar presente. A separação é um "querer", ou seja, requer que o sujeito "queira" se separar da cadeia significante.

Para Lacan, "o sujeito só é sujeito por seu assujeitamento ao campo do Outro [...] É por isso que ele precisa sair disso, tirar-se disso, e no tirar-se disso, no fim, ele saberá que o Outro real tem, tanto quanto ele, que se tirar disso, que se safar disso"[2]. Ao enfatizar que o sujeito tem que "sair disso", "tirar-se disso", "se safar disso", Lacan evoca a liberdade. "A separação supõe uma vontade de sair, uma vontade de saber o que se é para além daquilo que o Outro possa dizer, para além daquilo inscrito no Outro"[3].

[1] Laurent. Alienação e separação (1994, p. 33)

[2] Lacan. *O Seminário – livro 11* (1964, p. 178).

[3] Soler. O sujeito e o Outro (1964, p. 62).

Se a jovem que recebo em análise é uma histérica, podemos afirmar que a separação, segunda operação lógica da constituição do sujeito, está presente, o que quer dizer que esse sujeito, em sua neurose, faz uso do recurso ao significante Nome-do-Pai. A questão é que o Nome-do-Pai não pode significantizar tudo, e o que resta aparece como gozo na compulsão à repetição, como veremos a seguir.

Ana chega à análise petrificada, escravizada por seus significantes-mestres. Vem porque sofre, mas não se questiona sobre si mesma. Vive, age, mas não pensa em si. Esse sujeito alienado é um sujeito que perdeu seu ser e está dividido pela barra da linguagem como todo sujeito humano, forçado a escolher entre a identificação fixada por seus significantes e o sentido. A entrada desse sujeito em análise, todavia, evidencia uma escolha. Ana escolhe o sentido.

Ela busca análise em desespero na expectativa de encontrar uma solução para o seu problema. Um sério desentendimento entre sua mãe e seu parceiro exige dela uma tomada de posição. Seu parceiro considera que, diante da afronta que sofreu da sogra, Ana deveria ficar do seu lado, tomar seu partido. A mãe de Ana faz a mesma exigência e Ana não sabe que posição tomar. Ela não sabe o que fazer diante da divisão que enfrenta: se escolher a mãe, perde o parceiro; se escolher o parceiro, perde a mãe. Aqui, evidencia-se o que a leva a buscar uma análise, ou seja, sua posição fantasmática vacila. É o encontro com esse parceiro que faz vacilar sua posição subjetiva, sua fantasia fundamental. Veremos a seguir como Ana repete com o parceiro a relação que tem com a mãe, seguindo, assim, o caminho indicado por Freud para as histéricas e para as mulheres.

Ana relata sua história familiar de culpas, traições, dúvidas e indecisões. Ela se questiona sobre as razões que a tornam tão "infantil" e "imatura", "instável" e "volúvel". Pergunta-se sobre os motivos que a levam a estar constantemente dividida em suas escolhas, e quer saber se tudo isso decorre da sua história familiar, pois seu parceiro alega constantemente que ela é assim porque não teve uma "estrutura familiar". Para ele, Ana é descontrolada e imatura por culpa de sua mãe, que é uma louca, uma desequilibrada. Ana se enfurece e esbraveja diante dos comentários do seu parceiro. Discorda dele e defende a sua família, acusando-o de também não ter tido uma "estrutura familiar", de estar em constantes desavenças com seu pai. Mas se interroga: "De quem é a culpa de eu ser assim, minha ou dos meus pais? Até que ponto uma família pode influenciar um filho?".

Ana diz: "Minha mãe é uma pessoa amarga, agressiva, autoritária e escandalosa, está sempre pronta a armar um barraco, a dar um show, a dizer tudo o que lhe vem à cabeça sem medir as conseqüências. Por isso, todos se calam diante do que ela faz, na tentativa de apaziguar as desavenças que ela provoca". O parceiro de Ana parece ter sido, até agora, o único a ter enfrentado a "fera". Ao ouvir da sogra "você é bundão", decide cortar relações com ela. Não se dispõe a se submeter às suas ironias e xingamentos, ainda que tivesse sido prevenido por Ana do autoritarismo e da arrogância da sogra. Ela, porém, arrepende-se de ter lhe contado detalhes de sua vida familiar, pois isso se tornou uma arma contra ela própria. Ele menciona esses fatos sempre que quer atingi-la. Ao queixar-se de sua família para o parceiro, Ana promove a intriga histérica, repetindo o que sua mãe faz. Ela é o objeto de gozo do Outro, e o outro é o objeto de seu gozo.

A direção da cura leva a analista a questionar os motivos que levam Ana a contar para os seus namorados todos os pecados de seu pai e de sua mãe. Uma vez que tudo indica que aí reside uma das formas de gozo, um gozo que, por não poder ser colocado em palavras, simbolizado, aparece no ato da intriga.

Ao fazer referência ao parceiro com quem vive, evidencia-se claramente uma outra divisão: Ana não sabe bem se está casada ou solteira, confunde-se ao falar sobre o parceiro. Algumas vezes se refere a ele como "meu marido", outras como "meu namorado". Questiona qual é sua posição nesse relacionamento. O casal começou a namorar e logo decidiu morar junto. Na realidade, foi Ana quem se mudou para a casa do rapaz, mas Ana pensa que, se esse relacionamento fosse realmente um casamento, o casal deveria estar ao menos morando em sua própria casa. Embora o marido faça planos para que em um futuro próximo isso se concretize, ela não se dá por satisfeita. Ao mesmo tempo em que sonha com sua própria casa, teme as exigências que lhe acarretariam um "verdadeiro" matrimônio. Pouco a pouco, dá-se conta de que está dividida entre ser solteira ou casada.

O relacionamento de Ana com sua mãe sempre teve seus entraves. Brigas, agressões, ameaças, ciúmes e rivalidade têm sido a tônica do relacionamento entre mãe e filha. Sua mãe sempre a expõe em público. Costumava humilhá-la diante dos parentes que freqüentavam sua casa, dizendo: "Essa aí não faz nada, nem lava as suas roupas íntimas". As roupas íntimas de Ana eram, por isso, jogadas pela janela. Sua mãe também a expunha e a agredia perante seus amigos, além de fazer intri-

gas com seus namorados, insinuando que Ana os traía. Quando sua mãe se enfurecia por qualquer razão, atirava-lhe pratos e esfregava-lhe "restos de comida na cara". Diante das sistemáticas exposições públicas que sofria, ela lamenta: "Minha mãe fazia questão de me humilhar, parecia que tinha ciúme de mim, que tinha inveja da minha juventude, da minha vida". Veremos adiante que esse dito na verdade desvela o ciúme e a inveja que ela própria tem em relação à sua mãe, pois é esta quem tem o pai. Ela julga a mãe ciumenta e invejosa porque o ciúme e a inveja lhe dizem respeito. A pulsão contorna o objeto. Apesar de todas as suas queixas, das humilhações, das brigas e das agressões sofridas, Ana se surpreende quando se vê dividida entre o amor e o ódio que se alternam na convivência com a mãe.

Ana sonha com uma família unida, harmoniosa. Desespera-se ao perceber que esse sonho está cada vez mais distante, pois seu parceiro deixou de freqüentar a casa de seus pais após a fatídica briga com a sogra. Ana diz que tem o forte objetivo de reconciliar os dois. Não pensa em outra coisa na vida. Defende o parceiro contra as insinuações venenosas da mãe e defende esta das acusações do parceiro. Sua tentativa de mediação, todavia, acaba gerando sérios conflitos. Ela não se dá conta de que ela própria impediu essa harmonia com as constantes queixas que faz de um para o outro. Ela divide para se manter a única para eles, repetindo assim a história do casal parental. Em outros termos, ela se mantém no meio: entre a mãe e o irmão, entre a mãe e o pai, entre o marido e a mãe, e depois, como veremos adiante, entre o pai e a amante dele.

Ana se refere a seu pai com carinho excessivo. Diz que ele, além de "aturar" todas as loucuras encenadas por sua mãe, sugere aos filhos que "deixem para lá", que desconsiderem todas as insinuações, agressões e implicâncias dela. "Mesmo assim", diz Ana, "minha mãe costuma denegrir a imagem do meu pai perante parentes e amigos, dizendo que ele a trai com outras mulheres e que ele não é o homem bonzinho que aparenta ser. Mas meu pai não a contesta. Ele tem medo dela". Encontramos aqui tanto o gozo do pai quanto o de Ana; ambos gozam de ser vilipendiados pela mãe de Ana. Identificada com o desejo do pai, Ana se porta de forma análoga em relação à mãe e ao marido. Todos gozam com a loucura materna, que ninguém consegue barrar.

Ana teme que sua história de vida seja uma reedição da história de sua mãe. Desespera-se ao pensar na possibilidade de cortar relações definitivamente com ela: "Ela é uma mulher de poucos amigos, parece estar sempre pronta a atormentar os

outros. Vive sozinha. Eu não gostaria de ficar como ela. Ela deixou de falar com a própria mãe, com a irmã, com a cunhada (irmã do pai), com outros parentes e alguns amigos. Sempre criou confusão". Crescida em um meio de desavenças, Ana ouviu de sua mãe muitas histórias de traição. Ela não se cansava de contar para a filha detalhes das traições de seu marido. Em seguida às suas lamúrias e lamentações, repetia o mesmo dito: "Homem não presta, são todos iguais, uns traidores. Eles têm mais que ser traídos".

Em sua história familiar, a traição é uma constante e aparece em três gerações. Sua avó materna cortou relações com sua mãe porque esta foi cúmplice de seu avô. A mãe de Ana sabia que seu próprio pai tinha uma amante e convivia com ela, sem que a sua mãe, avó de Ana, pudesse ao menos desconfiar. Traição também foi o motivo que fez com que a tia materna de Ana deixasse de falar com sua mãe, que, ao denunciar a traição do cunhado, causou a separação do casal. A mãe de Ana também lhe contou que ela própria havia arrumado um amante, uma vingança contra as traições do marido, fazendo dela sua confidente, quando ainda era uma menina.

Além de ser a confidente de sua mãe, Ana se tornou a confidente de seu pai, que também lhe contou ter uma amante. Diante da fatídica revelação do pai, Ana se vê mais uma vez dividida entre o pai e a mãe. Ficar do lado da mãe significaria considerar que "homem não presta, que são todos uns traidores". Ficar do lado do pai significaria trair sua posição diante da mãe e das mulheres. Ana novamente se queixa de sua divisão. Mas será que aqui Ana não estaria se aproveitando da confissão do pai para repetir a mãe como uma forma de descobrir o que é ser uma mulher; questão evidente em seu desejo?

Seu pai não se contenta em apenas lhe revelar um segredo. Arma uma trama em que Ana é deixada frente a frente com sua amante, uma cena que lhe traz culpa e angústia. Mesmo assim, apesar do sentimento de estar traindo a sua mãe, passa a conviver com a amante do pai.

Ana, portanto, não reedita apenas a história da filha que trai a mãe, daquela que compartilha com o pai, em segredo, a convivência com sua amante. Ela também reedita a traição homem ◊ mulher: a traição do avô, a do pai, a da mãe e a do tio. Ela passa, então, a trair os homens, trai todos os namorados que tem, sem que isso lhe traga a menor culpa. É dessa forma que Ana faz valer o vaticínio da mãe: "Todo homem tem de ser traído". Além disso, repete a posição da mãe diante do pai, sendo também traída. Certa vez, é traída por um "ex-na-

morado" com quem morou por algum tempo. O relacionamento, todavia, não foi adiante, pois, além de ser traída, também era agredida fisicamente por ele.

Os pais de Ana lhe confidenciavam seus segredos, revelavam-lhe detalhes de sua vida amorosa e da intimidade do casal. Sua mãe costumava dizer a ela que seu pai estava "brocha, já não dava mais no couro". Em sua casa, tudo era falado abertamente sem o menor pudor. Quando Ana já era uma adolescente, expôs algumas vezes sua vagina para o pai, na expectativa de que ele examinasse as inflamações que ali se repetiam.

A cada sessão, queixa-se da culpa que a atormenta. Ultimamente, tem se perguntado sobre os motivos que a levam a sentir tanta culpa. Seriam as traições das quais participa? Passa a enumerá-las compulsivamente, até que se lembra de várias cenas que descreve uma após a outra. Antes, porém, insiste em comunicar que era a primeira vez que as revelava a alguém, pois lhe faltava coragem para deixá-las surgir mesmo em pensamento.

Conta que ela e seu irmão, três anos mais velho, costumavam dormir no mesmo quarto, tomar banhos juntos, andar nus pela casa. As cenas que passa a descrever desvelam os jogos sexuais infantis com o irmão quando ela tinha cerca de cinco anos de idade. Ele tomava a iniciativa e ela aprovava. A lembrança dessas cenas faz emergir muitas outras, que são reveladas em um tom de confissão e envolvem jogos sexuais com o avô e com o pai. Lembra-se que ouvia barulhos provenientes do quarto dos pais, pensando consigo mesma que seu pai poderia estar machucando sua mãe, mas diz: "Eu sentia uma sensação muito gostosa, acho que eu gozava com aquilo". Após relatar todas essas cenas, defende sua própria causa, ao alegar que tudo isso é mais do que normal na infância, são apenas descobertas de criança.

Ana e o irmão também não têm um bom relacionamento. Estão brigados e praticamente não se falam. "Meu irmão sempre foi o queridinho da mamãe e eu a queridinha do papai", diz, concluindo que a distância que atualmente os separa é, provavelmente, uma forma de defesa. Acha que não podem se aproximar muito porque "é incestuoso". Revela também que considera incestuoso o modo como olhava para os homens da família quando criança: "Eu olhava meu pai, meu avô, meu irmão e até o marido de minha tia com um olhar de desejo. Isso é incestuoso, como pude? Será que é por isso que tenho tanta culpa?".

Ana começa a se dar conta de que muitas de suas brigas com sua mãe foram provocadas por ela própria. Quanto mais sua mãe morria de ciúmes dela com seu pai, mas ela a provocava

com cenas escandalosas: costumava fazer carinhos no pai e lhe dar selinhos, tal qual fazia com o avô. Conversava com o pai de maneira tão íntima que "pareciam namorados". Quando ela começou a trabalhar, os dois iam juntos para o trabalho e, ao longo do percurso, confidenciavam um ao outro suas intimidades.

Certa vez, Ana chega se perguntando sobre o motivo que a leva a se incomodar tanto com as imposições que lhes são feitas. Ao falar mais sobre essas imposições, acaba por se dar conta que decorrem das ameaças a que sempre se submeteu desde criança. Descreve várias delas detalhadamente: sua mãe a ameaçava com os escândalos e intrigas, seu irmão com a denúncia de suas transgressões, seus namorados com o término do namoro. Isso a leva, mais uma vez, a questionar a sua divisão.

Pergunta-se, então, sobre os motivos que a levam a estar sempre dividida, tendo que escolher a mãe ou o marido, o pai ou a mãe, a vida de casada ou a de solteira, a liberdade ou a submissão às ameaças. Queixa-se de falta de liberdade: "Eu gostaria de ser livre, de poder fazer tudo que quero. Às vezes, acho que só conseguirei essa liberdade se eu ficar sozinha". Pouco a pouco, Ana descobre que a tão almejada liberdade não está propriamente relacionada com o fato de ficar ou não sozinha. Gradativamente, percebe que seu aprisionamento é de outra ordem e começa a notar a existência de que há algo além dela mesma, passando a se interessar pela psicanálise. Pede indicações de livros e, diante do pedido negado, resolve comprar alguns por conta própria.

Em determinada sessão, diz: "Eu sempre fui porra louca, nunca pensei antes de agir, nunca parei para pensar em nada sobre a vida. Após a análise, passei a buscar o significado das coisas. Vivo me perguntando o porquê disso ou daquilo. Acho que não vou agüentar muito tempo assim, vou acabar ficando louca. Não tenho feito outra coisa, passo o dia fazendo elucubrações. A análise tem feito com que eu me lembre de coisas que sempre procurei esquecer. Sofro com isso, mas estou decidida a ir em frente. Antes eu esperava que você me indicasse os caminhos, mas agora sei que isso não acontecerá; mesmo assim, seguirei em frente, vou tentar encontrar as minhas respostas".

E assim ela tenta desvendar os mistérios que agora sabe que advêm do seu próprio inconsciente. Ela desconfia da existência de uma determinação fora dela mesma, que sente como alheia às suas vontades, a determinação inconsciente. Quer descobrir, apesar do sofrimento impresso nessa descoberta, os motivos que a levam a reeditar sua história familiar.

A inscrição simbólica que a situa em sua história familiar constitui seu desejo inconsciente a partir do desejo do Outro. Ana está assujeitada, "submetida", presa à determinação significante, aos significantes que vêm do Outro e fazem parte de sua história: traição, sexo, briga, desavença, culpa. Está escravizada aos significantes-mestres que marcam seu assujeitamento ao Outro, prisão da qual se queixa. Clama por liberdade, mas encontra uma determinação significante manifesta em seus sintomas.

Ana é representada como uma "traidora" em relação ao ideal de sua mãe. "Traidora" (identificação que serve como significante-mestre) funciona para esse sujeito como uma linha mestra durante toda a sua vida. Ela é definida e se comporta como tal. No próprio momento em que se identifica com esse significante, fica petrificada.

Em análise, a associação livre faz vir à tona lembranças ligadas aos aspectos sexuais originais de sua vida. Explorar as circunstâncias em que a "traição" funciona como um significante-mestre, extraindo-lhe suas significações, é apenas um primeiro passo do processo analítico. Um outro passo é conduzir esse sujeito através de seus modos de gozo, ou seja, é preciso fazer vir à tona as maneiras pelas quais Ana transforma o outro que ama em um objeto que ela não pode perder. Isso faz esse sujeito lembrar do gozo que experimentou através de suas demandas orais e anais, assim como do que tentou obter da mãe: seu olhar e sua voz.

No percurso de uma análise, o sujeito deve chegar a saber da função protetora de sua fantasia, podendo se utilizar dela sem que ela o engane. A encenação da fantasia desse sujeito se desenvolve no registro escópico. O mecanismo de constituição de seu sintoma segue o circuito pulsional de vaivém da pulsão escópica. Ela olha: "Eu olhava meu pai, meu avô, meu irmão e o marido de minha tia com um olhar de desejo", e é olhada: "Quanto mais minha mãe morria de ciúmes do meu pai comigo, mais eu a provocava, a escandalizava. Eu fazia carinhos nele e lhe dava selinhos". Ana se dá a ver, encena um teatro, estimula o desejo do Outro. Em sua manobra de sedução, joga com o olhar, provoca o olhar do Outro, exibe seu corpo, insufla desejo. Essa encenação é uma tentativa de cativar o Outro e capturar seu olhar. Ana tanto provoca o desejo no Outro quanto barra seu acesso a ela, modalidade histérica de situar a falta do lado do Outro, castrando-o.

Esse caso nos auxilia na compreensão de que a tarefa do analista é, em primeiro lugar, conseguir com que o sujeito escolha não tomar a via da petrificação, e sim a do sentido. Ao

buscar uma análise, Ana passa a querer saber sobre o que a angustia. Como dissemos no início deste trabalho, todavia, ao longo do processo de uma análise, observamos várias alienações e separações do sujeito. Se, na alienação, o sujeito só emerge como vazio sob a condição de já ter feito sua escolha, na separação, trata-se de saber como ele pode se reencontrar na falta do Outro. Lacan inscreve nesse lugar da falta o lugar do gozo, em que caberia à pulsão restaurar no sujeito a sua perda de ser. A dimensão pulsional institui um corte com o Outro do significante e do sentido, mas instaura um laço com o desejo do Outro faltoso ($\not{A}$), em que os objetos parciais vêm se encarnar como suporte do desejo.

A direção do tratamento consiste, portanto, em furar o sentido, em barrar o gozo que ela já não suporta. É por intermédio do gozo que se repete e aparece da mesma forma em todas as suas relações que esse sujeito tenta restaurar a perda do ser. Na escolha pelo sintoma – o excesso de gozo com a intriga sexual –, são sempre três os envolvidos em sua trama: ela entre a mãe e o pai, entre o irmão e a mãe, entre o pai e a amante do pai, e entre a mãe e seu próprio parceiro. O problema é que a fixação do gozo nas cenas familiares determinadas pelos significantes a que está aprisionada não permite que ela goze menos e deseje mais. Dito de outro modo, a fixação do gozo não permite que ela, de um lado, goze com seu homem sem ter de destruí-lo ou de destruir sua relação com ele, e, de outro, que consiga realizar seu desejo de ter uma família ao menos razoavelmente harmoniosa. Gozar com um homem aponta para sua tentativa de mostrar para si mesma o que é uma mulher para um homem, e que é a questão de toda histérica. Ao buscar uma análise, Ana faz uma escolha: a escolha pelo desejo, a escolha de barrar o gozo que se desvela em seu sintoma.

FREUD, Sigmund. (1905) Fragmentos da análise de um caso de histeria. In*: Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. VII.

FREUD, Sigmund. (1919) Uma criança é espancada. In*: Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XIII.

FREUD, Sigmund. (1920) Além do princípio do prazer. In*: Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XIII.

FREUD, Sigmund. (1938) A divisão do eu no processo de defesa. In*: Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XXIII.

KAUFMANN, Pierre. (1993) *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LACAN, Jacques. (1953) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1958) A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1960) A subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 11*: *Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LAURENT, Eric. (1994) Alienação e separação. In: FELDSTEIN, Richard, FINK, Bruce & JAANUS, Marie (orgs.). *Para ler o Seminário 11 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

SOLER, Colette. (1994) O sujeito e o Outro. In: FELDSTEIN, Richard, FINK, Bruce & JAANUS, Marie (orgs.). *Para ler o seminário 11 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

resumo

Esse texto apresenta fragmentos de um caso de uma jovem histérica que busca a análise pelo sofrimento de sua divisão. Ao tentar desvendar os mistérios que advêm de seu próprio inconsciente, desconfia da existência de uma determinação fora dela mesma, que sente como alheia às suas vontades, a determinação inconsciente. Quer descobrir, apesar do sofrimento impresso nessa descoberta, os motivos que a levaram a reeditar sua história familiar. Trata-se de um sujeito que perdeu seu ser e é dividido pela barra da linguagem, como todo sujeito humano, forçado a escolher entre a identificação fixada por seus significantes e o sentido. Sua entrada em análise evidencia uma escolha, a escolha pelo sentido.

abstract

This text introduces fragments of a clinical case of a young hysteric subject that came in search of analysis for the suffering of its division. When trying to unmask from analysis about the mysteries that come from her unconscious, she distrusts of the existence of one determines except of her. This subject wants to discover, despite the suffering printed matter in this discovery, the reasons that had taken it to reedit it familiar history. This subject lost its being and is divided for the bar of the language. As all human being, she has to choose between identifies fixed for her significant and the sense. The entrance of this subject in analysis evidences a choice, a choice of the sense.

palavras-chave

alienação, separação, histeria, direção da cura

key words

alienation, separation, hysteria, direction to cure.

recebido

20/08/2005

aprovado

20/09/2005